

# METAMORFOSES

PENSAR O MUNDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Violência, resistência e outras formas de convivência



**Renata Carvalho**  
Atriz, fundadora do Movimento Nacional de Artistas Trans

**Elizeu Soares Lopes**  
Advogado, Ouvidor das Polícias do Estado de São Paulo.



**Danylo Amilcar Quirino Salvador**  
Estudante de Geografia na USP

Mediação/Análise:  
**Dennis de Oliveira**  
Professor da ECA/USP, coordenador do "Observatórios dos Coletivos Culturais de Periferia"

16/10 – 14h  
Inscrições a partir de 28/09  
[bit.ly/ciclometamorfoses](https://bit.ly/ciclometamorfoses)

Realização:

instituto  
casa comum



## Metamorfoses da pandemia: As veias abertas das periferias

**Dennis de Oliveira**

Rosângela, conhecida como *Tica*, junta um grupo grande de mulheres que sai pelo comércio do bairro, publica nas redes sociais e mobiliza uma turma na Igreja para arrecadar alimentos a serem distribuídos aos moradores da comunidade do Jardim São Remo que ficaram sem qualquer renda nestes tempos de pandemia. O impacto na economia atingiu prioritariamente os pequenos negócios, como comércios de bairro, vendedores ambulantes, diaristas, entre outros. O desemprego cresceu absurdamente. A proibição de festas, jogos de futebol e outras aglomerações tirou o ganha pão também de quem dependia da venda de bebidas nestes eventos, assim o baile funk não era apenas uma desobediência ou insensibilidade ante a necessidade de isolamento social

mas por que movimenta uma cadeia econômica da qual muitas famílias dependem. E as crianças, com as escolas fechadas, ficaram sem a merenda escolar.

Começo com este relato para mostrar que a epidemia demonstrou que situações de emergência em países como o Brasil servem para evidenciar as brutais desigualdades. Não se trata de consciência adequada ou inadequada de comportamentos, mas de situações díspares. A reforma trabalhista aprovada em 2018, por proposta da equipe econômica do governo e com apoio entusiástico da mídia hegemônica e do empresariado não gerou o número de empregos que prometia mas sim mais precariedade e insegurança. Ganha o que se trabalha e este ganho em um país que não tem nenhum sistema de proteção social digno de nome gera episódios que dificultam até mesmo a implantação das medidas emergenciais: como deslocar o ensino para a modalidade à distância se grande parte não tem acesso à internet e mora em moradias onde não há ambientes adequados para o aprendizado em casa? Ou mesmo o acesso ao benefício do auxílio emergencial aprovado no Congresso que dependia de cadastramento on line e isto gerou inúmeras dificuldades e filas (aglomerações) nas agências da Caixa Econômica Federal?

A CUFA (Central Única das Favelas) e outras organizações com ações nos bairros periféricos atuou decisivamente para minimizar este sofrimento com campanhas de solidariedade. Com o tempo, com a crise econômica aumentando e o desemprego crescente, chegou-se à trágica situação de menos pessoas doando e mais pessoas pedindo.

E a tragédia no campo da saúde só não foi maior por conta da existência, ainda que precária, de um sistema único público de saúde no Brasil (ao contrário dos Estados Unidos). Profissionais de saúde dos equipamentos públicos não só se engajaram nesta luta contra a enfermidade como também o sistema único possibilitou a articulação da ação dos profissionais que, na raça, foram construindo e aperfeiçoando os protocolos de atendimento. E os institutos públicos de pesquisa como o Butantã (da USP) e a Unifesp se articulam com pesquisadores de outros países na elaboração de uma nova vacina.

O sofrimento foi minimizado pelo auxílio emergencial que tem data para terminar. E pelo SUS que atendeu a população. E as perspectivas para a vacina foram dadas pelos pesquisadores das universidades públicas.

O sofrimento foi ampliado pela desregulação do trabalho deixando as relações laborais ao sabor dos ditames do mercado. Este mesmo mercado que levou o preço do arroz, feijão e carne as alturas. E também foi ampliado com a intensificação da violência policial mesmo com a redução dos delitos com o isolamento.

A pandemia deixou abertas as veias da periferia. Não só a pandemia, mas o Estado policialesco combinado com a ditadura do mercado que atinge diretamente estas pessoas.

E as veias abertas da periferia mostraram que para além do sofrimento, elas têm potência e organização. E que as perspectivas dependem do pleno funcionamento dos equipamentos públicos (SUS, universidades públicas, políticas sociais). Um Estado não policialesco, mas social. A metamorfose foi abrir os olhos do real significado do que é o neoliberalismo realizado em uma nação marcada pelo racismo e violência estrutural.